

A POESIA DE MAX MARTINS: HABITAR A LINGUAGEM

THE POETRY OF MAX MARTINS: DWELL IN LANGUAGE

Natália Lima Ribeiro¹

Resumo: O trabalho objetiva pensar e interpretar a questão da linguagem enquanto morada ontológica do homem, lugar de criação e travessia humana na obra do poeta paraense Max Martins, *Para ter onde ir* (1992), em diálogo com o pensador Martin Heidegger, mais especificamente no livro *A caminho da linguagem* (2012). Propomos uma interpretação pelo viés fenomenológico sobre o habitar não como fundamento, como conceito, mas como o fundar contínuo, no vigor operante do originário. Nesta morada, no habitar como fundar, o homem estará novamente entre as coisas, não em face delas, como propõe a metafísica em seu sentido originário.

Palavras-chave: Max Martins. Linguagem. Habitar.

Abstract: This paper aims to think and interpret the issue of language and ontological abode of man, place of creation and human journey in the poetry of Max Martins, in the work *Para ter onde ir* (1992), in dialogue with the thinker Martin Heidegger more specifically in the works *A Caminho da Linguagem* (2012). We propose an interpretation of the phenomenological about the dwell not based, as a concept, but as continuous founding, the operating force of the original. In this house, the dwelling as found, the man will again be among the things, not in the face of them, as proposed by the metaphysical in its original sense.

Keywords: Max Martins. Language. Dwell.

Introdução

Ao pensarmos o habitar em nossa era, temos uma imagem da interpretação oriunda da tradição metafísica²: habitar constitui um assenhorar-se de determinado espaço. E quem experimenta a habitação? Os mortais. O homem tende a conceituar todos os fenômenos em que a sua essencialização³ vige. O homem habita essa terra. Na cotidianidade, percebemos que o habitar é vislumbrado como tomar posse de um determinado lugar. No entanto, esse

¹ Mestre em Estudos Literários pela Universidade Federal do Pará. Professora colaboradora do PARFOR – UFRA. E-mail: natalia.limar21@gmail.com

² Em linhas gerais, a tradição metafísica é um “manual de conhecimentos, ensinados já dentro da verdade lógica como disciplina” (CASTRO, 2014, p. 151). A interpretação vigente do real, da natureza e do homem busca instrumentalizar e converter tudo em recursos naturais e humanos. Como consequência, transforma tudo em objetos, engessando as questões e o Ser.

³ Esse termo significa os vários modos do homem ser, não correspondendo a nenhuma verdade, mas na vigência do questionar, do mistério.

sentido corriqueiro pouco nos mostra o que esse fenômeno realmente é. Segundo Martin Heidegger, Habitar é como o homem vive na terra:

Os mortais habitam à medida que acolhem o céu como céu. Habitam quando permitem ao sol e à lua a sua peregrinação, às estrelas a sua via, às estações dos anos as suas bênçãos e seu rigor, sem fazer da noite dia e nem do dia uma agitação açulada. Os mortais habitam à medida que aguardam os deuses como deuses. Esperando, oferecem-lhes o inesperado. Aguardam o aceno de sua chegada sem deixar de reconhecer os sinais de suas errâncias. Não fazem de si mesmos deuses e não cultuam ídolos. No infortúnio, aguardam a fortuna então retraída (HEIDEGGER, 2012a, p. 130).

Habitar é receber a dádiva do mistério que os deuses e a *phýsis*⁴ doam ao homem. É estar entre os limites da terra, experimentando as questões. Habitar é viver dentro desse espaço sem instrumentalizá-lo, deixando todas as coisas em liberdade, cumprindo cada um o destino que lhe cabe. Para entendermos essa habitação, devemos ver como Max Martins articula esse fenômeno em sua poesia. Podemos perceber isso com o poema “A casa”:

Esta casa é uma ruína
quase terreno baldio:
coração de mãe
- esta terra de ninguém,
está cheio e está vazio.
Esta casa vem abaixo,
está prestes a cair.
Esta casa foi à lua,
esta casa foi um tronco
foi navio
com seu mar encapelado (...)

(MARTINS, 2001, p. 311).

Segundo Martin Heidegger, o habitar é o traço essencialmente humano, em que seu sentido originário⁵ transpõe fronteiras físicas e se apresenta como um fenômeno, pois “habitar e construir tornarem-se dignos de se questionar e, assim, permanecerem dignos de se pensar” (2012a, p. 140). Assim como o Amor, a Morte e a Linguagem, o Habitar se inscreve em um

⁴ A *phýsis*, palavra grega antiga que costuma ser traduzida por natureza, é mais do que isso. Por natureza, entendemos o conjunto de coisas que se acham fora da cultura, por isso mesmo alvo de representação das assim chamadas “ciências naturais”. A cultura, essa sim, diria respeito, na representação moderna, ao homem. A *phýsis*, no entanto, é o manifestar contínuo da totalidade das coisas, velando o que efetivamente são, pois estão em movimento, de modo a velar o seu Ser, a sua *arkhé*. É o velamento da *phýsis* a fonte de todo o questionar, inclusive da possibilidade de o homem questionar o seu próprio ser, pois ele também é *phýsis* (no mundo grego antigo, o conhecimento não estava separado entre natureza e cultura, como na representação da era moderna). A existência humana, de maneira originária, está integrada à dinamicidade da *phýsis*, a qual é a fonte de todo questionar.

⁵ Segundo Manuel Antônio de Castro, “não podemos confundir o conceito metafísico de origem com a questão do originário. A origem é causal e linear. O originário não. Ele é como a fonte que alimenta sempre o rio, esteja em que altura estiver a sua correnteza, da nascente à foz. Originária é a Terra, que sempre é a permanente fonte de toda vida e de todos os viventes, inclusive nos seres humanos. Originária é a mulher-mãe ao conceber, gerar e dar à luz um filho. Entre a primeira mulher que deu à luz um filho e a que hoje dá à luz um filho não há diferença nenhuma do ponto de vista de ser mãe-mulher. A mãe-mulher é sempre originária” (2004, p. 19).

dos vários modos em que homem pode se essencializar, aproximando-se do Ser. Em Max Martins, é clara a interpretação que o poeta faz do Habitar como fenômeno, já que esse concebe a “casa” em sua essência e não construção. Podemos perceber isso nos versos: “Esta casa é uma ruína, quase terreno baldio: coração de mãe”. O poeta engendra nesses versos a casa como um lugar em que o homem é acolhido, como o coração da mãe que sempre recebe os filhos. Dentro dessas virtualidades ensejadas no poema, o modo com que Max Martins constrói sua casa configura-se como um fenômeno, pois o Habitar em sua poética se desvencilha de um projeto metafísico da realidade.

O Habitar em Max Martins é o estar próximo do resguardo da mãe. Podemos perceber uma relação entre a terra e a mãe, pois a mãe representa o acolhimento que a terra dá ao homem, espaço esse em que todos são convidados ao resguardo. O cuidado que a mãe tem com o filho, de maneira originária, é o deixar-se cumprir um destino, sendo livre para interpretar o mundo. Dessa forma, o resguardo da habitação que se apresenta na obra de Max Martins constitui o traço da liberdade:

Resguardar não é simplesmente não fazer nada com aquilo que se resguarda. Resguardar é, em sentido próprio, algo positivo e acontece quando deixamos alguma coisa entregue de antemão ao seu vigor de essência, quando devolvemos, de maneira própria, alguma coisa ao abrigo de sua essência, seguindo a correspondência com a palavra libertar (*freien*): libertar para a paz de um abrigo. Habitar, ser trazido à paz de um abrigo, diz: permanecer pacificado na liberdade de um pertencimento, resguardar cada coisa em sua essência. O traço fundamental do habitar é esse resguardo. O resguardo perpassa o habitar em toda a sua amplitude. Mostra-se tão logo nos dispomos a pensar que ser homem consiste em habitar e, isso, no sentido de um de-morar-se dos mortais sobre essa terra (HEIDEGGER, 2012a, p 129).

Max Martins mostra-nos em “A casa” o resguardo da habitação. Mas não o resguardo de deixar a coisa presa em um espaço. Como nos aponta Heidegger, o resguardar é deixar a coisa se essencializar por sua própria virtude. Em outras palavras, o resguardo em que vigora a habitação é, essencialmente, um lugar em que o homem está livre para percorrer sua travessia existencial, no seio do movimento que a vida é. No “coração da mãe”, em Max Martins, apresenta-se o habitar primordial. Dessa forma, habitar não é ser dono de uma localidade (“-esta terra de ninguém”) ou lhe emprestar edificações (“está cheio e está vazio”), mas é permanecer sobre a terra em constante caminho.

Na esteira desse pensamento, a entificação atual do fenômeno habitacional apresenta-se também na linguagem em nosso tempo. A interpretação que se tem sobre as questões da linguagem e do habitar estão fundamentadas em conceitos. Neste sentido, habitar é construir uma casa, viver em determinado lugar. Tal interpretação é resultado da tradição metafísica, a qual propôs uma resposta para a questão do Ser, entificando-o. Todavia, o Ser nunca é

somente um ente, ele está acontecendo no devir contínuo, o Ser está em todos os entes. Além disso, não pensamos no habitar, pensamos no fundamento de habitar: na casa, na moradia. Isso acontece também com a linguagem.

Linguagem: O Espaço de Ser

As possibilidades que a linguagem dá ao homem são inúmeras; porém o homem, em seu afã de funcionalizar e instrumentalizar tudo, interpreta a linguagem como habilidade comunicativa apenas. Não é errôneo fazer tal afirmativa, mas condicionar a linguagem como um instrumento comunicacional é esquecer-se de questões importantes. A linguagem é o que diferencia o homem dos outros entes, ela é quem essencializa o homem como homem.

Além da determinação unicamente comunicativa da linguagem, a literatura também se torna mais um instrumento a favor do homem. Ela é apenas uma manifestação da linguagem fantasiosa, fora da realidade. Os poetas são homens que tecem imaginações e coisas irrealis. O lugar da poesia é de mera representatividade de uma escola literária, de um movimento ideológico ou expressão da subjetividade do autor. Novamente, o homem no centro da realidade. Como resultado deste pensamento, encontramos-nos na era do antropocentrismo.

Nosso tempo é de subjetivismo exaltado – a conversão do real em objeto, submetido às determinações epistemológicas e metodológicas do homem investido na condição de sujeito que tudo objetualiza. Por isso, pode-se dizer que estamos imersos no antropocentrismo, o qual sempre toma o homem como a fonte da ação, esquecendo-nos de que o questionamento não vem dele, mas das questões. Se o artista questiona – e ele efetivamente faz isso –, a sua ação de questionar não tem origem nele, mas nas questões (FERRAZ, 2013, p. 148).

O homem é a resposta para todas as questões e suas determinações sobre as coisas são verdades universais, não passíveis de questionamento. Porém, o verdadeiro poeta questiona. Martin Heidegger, pensador que se dedicou a questão do Ser em toda sua obra, discute a formalização da poesia como geralmente é interpretada nos diversos manuais e histórias literárias, sendo mostrada apenas como uma área literária e não na sua essência.

Ao interpretar a obra de Hölderlin, Martin Heidegger percebe a poesia como habitar essencialmente humano. Assim como Hölderlin, Max Martins também se abriu para esta questão. O poeta paraense se questionou durante todos os seus cinquenta anos de poesia sobre o Amor, a Morte, a Amizade e a Linguagem. Em cada obra lançada há uma nova interpretação para as questões que estão no seio do poetas, da ação originária. Em “A cabana”, Max nos fala sobre o habitar como travessia poética existencial:

É preciso dizer-lhe que tua casa

é segura
Que há força interior nas vigas do telhado
E que atravessarás o pântano penetrante e etéreo
E que tens uma esteira
E que tua casa não é lugar de ficar
mas de ter de onde se ir

(MARTINS, 1992, p. 59).

O poeta é o mensageiro do Ser, pois está na linguagem, em sua morada ancestral. O poeta dita poeticamente. Poético deriva da palavra *poiein*, que significa originariamente *agir*. Não podemos restringir o agir ao fazer. Este agir é o da criação, do vigorar poético. Quando no primeiro verso temos “É preciso dizer-lhe”, o poeta se põe como aquele que anuncia, que diz aos outros, de maneira imperativa, pois ele é o guardião das palavras e é preciso anunciá-las. Segundo Heidegger (2012b, p. 24), a linguagem é a casa do Ser, e “em sua habitação mora o homem. Os pensadores e poetas lhe servem de vigias. Sua vigília é consumir a manifestação do Ser, porquanto, por seu dizer, a tornam linguagem e a conservam na linguagem”.

O poeta conserva a linguagem em seu vigor originário, anuncia aos homens que, apesar das empertigadas da tradição metafísica, sua morada não está no fundamental, mas no fundar. O poeta é aquele que *raspa a tinta com que pintaram os sentidos*, como disse Fernando Pessoa. A segurança da casa está no fundar, construir, criar. O homem já está lançado na linguagem, e nesse abismo sua morada é segura, assim como na poesia:

A poesia não é, portanto, nenhum construir no sentido de instauração e edificação de coisas construídas. Todavia, enquanto medição propriamente dita da dimensão do habitar, poesia é um construir em sentido inaugural. É a poesia que permite ao homem habitar sua essência. A poesia deixa habitar em sentido originário. (HEIDEGGER, 2012a, p. 178).

Ao longo do poema, Max novamente anuncia sobre a existência como travessia poética em “E que atravessarás o pântano penetrante e etéreo”. O pântano é o desconhecido, aquele que jamais se mostra em sua totalidade: quanto mais se adentra nele, mais distante ficamos de seu desvelo total. É a própria *phýsis*, mas não como a interpretação vigente, que a classifica como natureza, mas, sim, o brotar contínuo da vida e das coisas, tudo em seu devir. Neste trecho, em diálogo com Hölderlin, Heidegger mostra-nos a tomada de medida do homem com a terra:

Na poesia, acontece com propriedade o que todo medir é no fundo de sua essência. Medir consiste, sobretudo, em se conquistar a medida com a qual se há de medir. Na poesia, acontece com propriedade a tomada de uma medida. No sentido rigoroso da palavra, poesia é uma tomada de medida, somente pela qual o homem recebe a medida para a vastidão de sua essência. O homem se essencializa como o mortal. Assim se chama porque pode morrer. Poder morrer significa: ser capaz da morte como morte. Somente o homem morre - e, na verdade, continuamente, enquanto se

demora sobre esta terra, enquanto habita. Seu habitar se sustenta, porém, no poético. Hölderlin vislumbra a essência do "poético" na tomada de medida através da qual se cumpre plenamente o levantamento da medida da essência humana. (HEIDEGGER, 2012a, p. 173).

Essa tomada de medida essencializa o homem como transitório, como interlúdio entre a *arkhé* (origem) e o *télos* (plenificação). O homem é este ser-para-morte, caminhando entre as questões. Ao demorar nesta terra, seu Habitar se essencializa em diálogo com a linguagem, lugar em que o poético acontece. A cabana de Max não é um lugar de fundamentos ou conceitos engendrados pelo antropocentrismo. A cabana, este Habitar mais antigo e simples, é o lugar de descanso, lugar da "esteira". Porém, Habitar essa terra é estar em trânsito, em incessante questionamento, e não se fixar a padrões e lugares. Em suma, o habitar poético é aquele que convida para lançar-se ao abismo de uma existência que está no fundar, não no fundamento. Ao interpretar Hölderlin, Heidegger diz que o habitar poético é que tira o homem do fundamento.

Quando Hölderlin ousa dizer, no entanto, que o habitar dos mortais é poético, essas palavras, levemente pronunciadas, dão a impressão de que o habitar "poético" é precisamente o que arranca os homens da terra. Pois o "poético" parece pertencer, quanto ao seu valor poético, ao reino da fantasia. O habitar poético sobrevoa fantasticamente o real. O poeta faz face a esse temor e diz, com propriedade, que o habitar poético é o habitar "esta terra". Assim, Hölderlin não somente protege o "poético" contra a sua incompreensão usual corriqueira, mas, acrescentando as palavras "esta terra", remete para o vigor essencial da poesia. A poesia não sobrevoa e nem se eleva sobre a terra a fim de abandoná-la e pairar sobre ela. É a poesia que traz o homem para a terra, para ela, e assim o traz para um habitar (HEIDEGGER, 2012a, p.169).

Como podemos ler, o habitar em Max encontra-se no horizonte do pensamento. Ao pensar na habitação como lugar de questionamentos e não de certezas, propõe uma leitura da existência como travessia que se essencializa na medida entre o céu e a terra. Em "Oeste. Nenhuma chuva", Max continua a se questionar quanto ao habitar:

(...)Ela
A poesia
drogada
e prostituta
a tua ancestral hospedaria

Ir adiante agora
(diz um sábio sem palavras)
Traz perigos
Alguém que vem por trás o punhal
O pássaro do sexo no seu voo perderá suas plumas
Ou pior: A tua cabana em chamas na floresta

(MARTINS, 1992, p. 45).

Max Martins é conhecido por plasmar figuras poéticas que mesclam erotismo e poesia. A questão do Amor está nas mais diferentes maneiras e interpretações. Neste poema,

Max nos diz poesia usando a figura de uma prostituta drogada. A hospedaria pertence aos que se encontram sem rumo pelas veredas obscuras da vida: o drogado, o entorpecido e a prostituta, o sexo exposto e declarado.

Adiante, Max convoca a figura do sábio, que dita poeticamente para sempre seguir, porém é perigoso, há sempre múltiplas possibilidades. A travessia existencial que está aberta para o acolhimento, para o inesperado, é uma travessia de perigos: da traição (“Alguém que vem por trás o punhal”) ou da perda (“O pássaro do sexo no seu voo perderá suas plumas”). Para o poeta, então, a pior possibilidade é de estar fixo e se deixar queimar pela conformidade (“Ou pior: A tua cabana em chamas na floresta”). Os que atravessam o “pântano penetrante e etéreo” da existência são capazes de chegar à vida como morada de maneira plena:

Não são todos os mortais e nem os muitos que são evocados, mas apenas "alguns"; aqueles que viajam por veredas escuras. Esses mortais são capazes de assumir o morrer como uma travessia para a morte. Na morte, recolhe-se o encobrimento mais elevado do ser. A morte já ultrapassa todo o morrer. Esses “viandantes da errância” devem atravessar a escuridão de suas veredas para chegar à casa e à mesa. Eles devem fazê-lo não apenas e em primeiro lugar para si mesmos mas para os muitos, porque os muitos acreditam que basta instalarem-se em casas e sentarem-se à mesa para já estarem con-dicionados pelas coisas e já terem alcançado morada (HEIDEGGER, 2012b, p.17).

Já os que estão expostos ao perigo são capazes de entender a vida como doação. No momento do nascimento, o homem já está na morte e acolher o destino é o verdadeiro habitar:

O homem se essencializa como o mortal. Assim se chama porque pode morrer. Poder morrer significa: ser capaz da morte como morte. Somente o homem morre - e, na verdade, continuamente, enquanto se demora sobre esta terra, enquanto habita. Seu habitar se sustenta, porém, no poético. Hölderlin vislumbra a essência do "poético" na tomada de medida através da qual se cumpre plenamente o levantamento da medida da essência humana (HEIDEGGER, 2012a, p. 173).

É, portanto, na medida em que o homem se aceita como parte das coisas e não como dono delas que a linguagem se abre para as possibilidades essenciais do homem: de questionar e criar, sobre e na linguagem. A linguagem é o traço fundamental do homem. É nela e por ela que o homem é homem, é apelo da linguagem. Porém, com o passar do tempo, a linguagem foi perdendo seu vigor originário. Como exemplo, temos a interpretação vigente de poesia como forma, não como *poiein*, como criar. Dessa forma, o homem deve sempre estar na vigência do perigo que é não se fixar às demandas sociais, mas sim percorrer a vida criativamente. O poeta ainda resguarda a vida em sua essência, pois experimenta a linguagem e não a toma como sua serva. É preciso tirar das palavras os paradigmas que a colocaram como conceitos, sendo essa a tarefa do verdadeiro poeta. Podemos perceber isso em toda a trajetória poética de Max Martins, como no poema “Caldeirão”:

Aos sessenta anos-sonhos de tua vida (portas

que se abrem e fecham
 fecham e abrem
 carcomidas)
 ferve
 a gordura e as unhas das palavras
 seu licor umbroso, teus remorsos-pelos
 Ferve
 e entorna o caldo, quebra o caldeirão
 e enterra
 teu faisão de jade do futuro
 teu mavioso osso do passado

Agora que a madeira e o fogo de novo se combinam
 e o inimigo nº 1 já não te enxerga
 ou vai-se embora
 varre tua cabana e expõe ao sol tua língua (...)

(MARTINS, 1992, p. 33).

Segundo Heráclito, no fragmento 66, o fogo é o responsável pela futura união de todas as coisas: “o fogo, sobrevivendo, há de distinguir e reunir todas as coisas” (1991, p. 75). Ao pensarmos o caldeirão, devemos perceber o que há dentro deste receptáculo. O caldeirão é o lugar em que todas as matérias se reúnem e, após sua agregação, são levados ao fogo para transformam-se em uma matéria una, divergente das anteriores. No poema supracitado, percebemos uma articulação poética na união de várias matérias para congrega-las e serem mudadas por uma força, que, no caso do poema acima, é o fogo. O “caldeirão” de Max Martins vislumbra a própria vida acontecendo em constante questionar, como podemos perceber em “(portas/que se abrem e fecham /fecham e abrem/carcomidas)”. Nessa operação poética percebemos a instabilidade que é a vida. Viver é o abrir e fechar de portas, é estar dentro das possibilidades ensejadas pela terra, cambiando para sua essencialização.

Dessa forma, na poesia percebemos que é preciso desvincular-se de tratados, inquietar-se com as coisas e acolher os mistérios. Assim, é preciso desapegar-se de bens materiais (“teu faisão de jade do futuro/ teu mavioso osso do passado”), pois a ação do tempo e da *phýsis* apagará todas as materialidades. Consequentemente, tudo que está em *télos* se reúne e esgota, assim como a vida, como podemos perceber nos versos “Agora que a madeira e o fogo de novo se combinam/e o inimigo nº 1 já não te enxerga/ou vai-se embora”.

Em “Caldeirão”, Max convida o homem a retirar todos os conceitos metafísicos e colocar-se dentro da linguagem, novamente: “varre tua cabana e expõe ao sol tua língua”. A poesia é um fenômeno que acontece independente de forma, de movimento literário ou ideologias. O que a literatura tem de próprio é o incessante criar que funda eras. Essas possibilidades de criação e questionar ainda são encontradas nas obras poéticas. Quando o homem se coloca na linguagem, ele consegue novamente voltar para sua morada originária.

Para Igor Fagundes, a linguagem “é a instância de reunião de homem e ser, que ambos confluem, na medida em que por humano justamente entendemos este ser vivo na linguagem” (FAGUNDES, 2014, p. 138).

Quando o poeta dita poeticamente, ele nomeia e convida as coisas que circunscrevem a sua realidade à reunião. A linguagem evoca e coloca o homem entre as coisas, e não em face delas. Este “nomear aproxima o que se evoca. Mas essa aproximação não cria o que se evoca no intuito de firmá-lo e submetê-lo ao âmbito imediato das coisas vigentes. A evocação convoca” (HEIDEGGER, 2012a, p. 15). Nesse sentido, a poesia remonta às possibilidades inaugurais e criativas do homem em realizar-se na arte, pois ele encontra-se como possibilidade e finito na economia de todos os entes. Podemos dizer que as palavras, na era antropocêntrica, encontram-se conceituadas e entificadas. É preciso, então, colocá-las no centro, em face aos homens, para poderem acordar e dar sopro de vida novamente. No afã de sistematizar a linguagem, o homem esquece-se de sua potência criativa:

Não coincidindo com nenhum experimento, conhecimento científico, a experiência da linguagem implica entrega, um deixar-se tocar por ela. Na experiência com a linguagem, é a própria linguagem que vem à linguagem. Nesse momento, qualquer vontade de sistematização, de conceituação, de objetivação, deve ser abandonada, porque linguagem se compreende na e como a dinâmica do acontecer, do que se consuma no e como fenômeno, sem que seja ela mesmo fato consumado (FAGUNDES, 2014, p. 138).

Ao ditar poeticamente como criação, o poeta remonta à linguagem em sua moradia, em sua hospedaria ancestral de maneira inaugural, fazendo vigorar novamente na terra, não como fundamento, mas ao “maleável”, ao agir incessante, ao brotar contínuo da *phýsis*. Dialoga-se, então, de maneira erótica: o homem em relação afetiva e de conhecimento com a linguagem. Esta se manifesta em todas as coisas, em todos os entes que habitam a terra.

Linguagem é o real enquanto força manifesta [...] o modo de manifestação do real enquanto real. [...] não nos referimos às representações meramente humanas [...] o acontecimento chuva, o participio (conforme o idioma grego antigo) chover é linguagem. Um gesto é linguagem, seja ele humano, seja ele um fenômeno da natureza como um terremoto ou uma rajada de vento (JARDIM, 2012, p. 35).

Dessa forma, a linguagem é a possibilidade de o homem retornar para a realidade ontológica, com o *lógos* no centro, e não o homem. Na era feroz do mundo tecnificado é urgente o homem colocar-se em posição meditativa de reflexão, retomar as suas origens e restaurar a ação originária. Assim, compreende-se que “poeticamente o homem habita” como doação da linguagem.

Considerações Finais

Quando o homem se coloca em frente às coisas, torna-se o dono da verdade e o centro da realidade. Esquece, portanto, das possibilidades de questionar e criar. Ao colocar-se em reflexão, como nos mostra Max Martins, o homem essencializa-se como possibilidade na linguagem. É nela que o homem é, porém, essa vontade de sistematizar e conceituar tudo que faz o pensamento virar conceito, esquecendo o questionar.

A possibilidade que a linguagem dá ao homem foi interpretada como apenas instrumento de comunicação. A linguagem é dita como instrumento, a literatura como lugar do irreal, do ilógico e a poesia como forma. Porém, ao questionar-se, o poeta é aquele que convoca o homem novamente para o exercício do pensar, fazendo com que este retorne à sua morada, lugar mais próximo do ser: a Linguagem.

Na poesia de Max Martins, a linguagem convoca o homem para a ação originária. É por conta dela, por ser apelo e doação da linguagem, que o homem pode questionar, poetizar e criar. É pela e na linguagem que o homem pode voltar ao traço mais humano: o habitar como fundar contínuo. A linguagem é a convocação ao homem para reunir-se novamente ao vigor ontológico. O poeta é aquele que convoca o diálogo:

O homem é ontologicamente dialogal, e só pode dialogar porque originariamente se move dentro do *lógos*. E o *lógos* jamais se resume a um ente: ele é uma abertura silenciosa; assim, não é o homem quem tem a linguagem, mas a linguagem que o tem. Por esse motivo, a interpretação não se dá com a linguagem, mas na linguagem (FERRAZ, 2014, p. 120).

Percebemos que dentro da poesia de Max Martins é na linguagem que o homem volta à possibilidade inaugural de interpretar a realidade, de perceber o devir contínuo e aceitar a vida como passagem, percebendo, assim, a existência como movimento cíclico, o brotar incessante da *phýsis* e o velo e desvelo contínuo da realidade que nunca se esgota. Morando na linguagem, o homem retorna, então, para sua possibilidade originária: a existência como poesia, como criar.

Referências

- FAGUNDES, Igor. Linguagem. In: CASTRO, Manuel Antônio (Org). *Convite ao pensar*. 1 ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2014. p. 137-139.
- FERRAZ, Antônio Máximo. *Arte e verdade: a mimeses como criação da realidade*. Tempo Brasileiro, v. jul.-set, 2013, p. 145-160.

_____. O homem e a interpretação: da escuta do destino à liberdade. IN: CASTRO, Manuel Antônio; FAGUNDES, Igor; FERRAZ, Antônio Máximo (Orgs). *O educar poético*. 1. Ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2014. p. 120-135.

HEIDEGGER, Martin. *A caminho da linguagem*. Tradução de Márcia Sá Cavalcante Schubak. - 6. ed. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012a.

_____. *Ensaio e conferências*. Tradução de Emanuel Carneiro Leão, Gilvan Foge, Marcia Sá Cavalcante Schuback. - 8. ed. - Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012b.

HERÁCLITO. *Os pensadores originários*. Tradução de Emanuel Carneiro Leão e Sérgio Wrublewski. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991.

JARDIM, Antônio. *A conferência titular – poética: o modo essencial de pronúncia do real*. Rio de Janeiro: MusAbsurda, 2012.

MARTINS, Max. *Para ter onde ir*. São Paulo: Augusto Massi e Massao Ohno Editor, 1992.

_____. *Poemas reunidos 1952-2001*. Belém: Edufpa, 2001.

Artigo recebido em: 18/06/17
Artigo aceito em: 30/07/17